

## REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

Claudia Lima\*

A importância dos estudos sobre a História do Negro no Brasil e da História da África, deve ser entendida como parte importante da construção da identidade do povo brasileiro e, em particular da população afrodescendente, através do qual, regata-se uma dívida histórica, no registro histórico oficial, daqueles que colaboraram, em uma escala gigantesca, no acúmulo da riqueza nacional e no complexo multicultural que caracteriza e personaliza o povo brasileiro. Tratar uma temática tão complexa como a História do Negro no Brasil é um exercício de busca das nossas principais raízes culturais, nas quais, estão inseridas 49% da população brasileira. Ao estabelecer diretrizes nos estudos do negro no Brasil, deve-se levar em conta a desinformação sobre a África, sua história e a sua complexidade cultural, que gera sentimentos de desagregação no povo afro-brasileiro e desenvolve um processo de negação na sua origem em função de uma história expropriada do continente africano. A identificação com a África nem sempre é assumida com orgulho pela maioria dos negros brasileiros e, neste sentido, a eloquência do mito da democracia racial no Brasil no ideal de branqueamento, sustentado pela mestiçagem, influência nos contornos na identidade coletiva dos afro-brasileiros induzindo-os aos refúgios simbólicos dos mitos e heróis nacionais, os quais, não os representam.

Neste contexto, a imagem caricatural do africano na sociedade brasileira é a do negro acorrentado aos grilhões do passado, imagem construída pela insistência e persistência das representações da África como a terra de origem dos negros escravizados, de um continente sem história e repleta de animais selvagens. A África é tida sempre como o diferente com relação aos outros continentes, há um bloqueio sistemático em pensar o negro sem o vínculo da escravidão. O imaginário social brasileiro tem dificuldades no processo do exercício da cidadania na formulação do modelo de origem dos afrodescendentes.

O fortalecimento desta construção identitária dos afro-brasileiros passa pelo trabalho de reconstrução do seu lugar social, marcado por múltiplas rupturas e traumatismos na trajetória de sua própria história. Portanto, os "grupos de pertença" definem, o perfil de seus integrantes, estabelecendo padrões próprios de ideal e auto-estima.

Iniciativas como o estudo da História do Continente Africano, tem como relevância social e histórica o contexto principal da História do Negro no Brasil, este espaço deve oferecer a iniciação para buscar entender e fixar e, posteriormente, desenvolver e aprofundar, as questões referentes à África, tendo como prerrogativa desvendar curiosidades e confirmar relatos que na História Universal, se faz de maneira maquiada, no pressuposto da menor importância das culturas africanas no contexto histórico mundial.

Os valores materiais e simbólicos dos africanos em sua terra natal, suas estruturas sociais e religiosas, denotam personalidade singular no conjunto de um rico acervo artístico e cultural, chegando aos dias de hoje, através de tribos de modo vivente agrários ou nas heranças nos novos territórios da diáspora negra pelo mundo.

O discurso da História, na atualidade, tem um perfil renovador, o vasto continente africano apresenta movimentos históricos próprios. A diversidade dos povos na África resulta de uma geografia variada e de uma longa pré-história. As interações entre os muitos povos africanos geraram movimentos populacionais surpreendentes nos últimos cinco mil anos como a expansão dos bantos no continente africano. Os grandes impérios africanos são destacados com suas características singulares, como também o movimento de islamização no século XI, até a chegada dos portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses, que se lançaram ao mar e as conquistas econômicas e políticas, gerando dívidas históricas e deixando como legado, conflituosas heranças no território africano, refletidas até os dias de hoje.

Os fatos históricos dos negros no Brasil são registrados, paralelamente a história oficial brasileira, em algumas produções literárias, não sendo destacada de forma coerente na historiografia brasileira, pois, tal construção foi relatada através da ótica do europeu, que deu grande ênfase, a seus heróis, enaltecendo seus feitos e deixando à margem a efetiva contribuição do povo negro no enriquecimento e na formação da nação brasileira. A formação da população pluriétnica no Brasil, é decorrente das várias nações africanas trazidas como mão-de-obra, que denotam ainda, nos tempos atuais, peculiaridades, identidades e representações próprias, em alguns grupos específicos. Pelas mais variadas formas de embarque e tramitação pelo território brasileiro, mesmo depois da proibição do tráfico, o contrabando e a migração interna, realimentaram o fenômeno da miscigenação no Brasil. Sem que se possa oferecer um balanço exato da extradição da África para o Brasil de homens, mulheres e crianças, no entanto, pode-se afirmar que em maior número vieram às etnias sudanesa e banto.

Na chegada ao Brasil, recebiam nomes de procedência, muitas vezes do navio que os transportavam, outras vezes consignados em seus próprios documentos, assim, mesmo sabe-se que não possuíam origem única, assim, jêjes, congos, angolas, cafres, cabindas, entre muitos outros, eram embarcados na África, por exemplo, no Forte de São João da Mina e na chegada ao Brasil, eram denominados "negros minas".

Esta mão-de-obra foi trazida à revelia da vontade destes homens e mulheres, porém, este contingente recrutado na África produziu riquezas, primeiro para a Metrópole portuguesa e depois para os seus próprios signatários. Primeiro no ciclo da cana-de-açúcar, a seguir no ciclo do ouro, depois no ciclo do café. Tipos étnicos distintos trabalharam no Brasil nas charqueadas, nas plantações de algodão e fumo, nos engenhos, fazendas e estâncias, como peões, boiadeiros, tropeiros, capatazes, negociantes, vendedores ambulantes, artesões e como soldados, nas pelejas territoriais. Isto sem retratar a importância do papel da mulher africana, nas artes do fazer, do cozer, do criar, do despojamento no amar e na suplantação das profundas marcas das perdas.

Da África vieram nações de diversos locais como: Acra, Ajuda, Alto Volta, Ambacas, Ambace, Amboim, Angoche, Angola, Axânti, Bacuir, Bailundo, Bamaco, Bamba, Bambara, Bambo, Banguela, Benin, Barué, Bateque, Benguela, Biafra, Bié, Biguda, Bijangós, Bissau, Cabinda, Cabo Verde, Cacheu, Cacongo, Cafraria, Calabar, Camarões, Caçange, Congo, Costa dos Dentes, Costa dos Escravos, Costa do Marfim, Costa da Mina, Costa do Ouro, Costa do Grão ou da Pimenta, Costa do Vento, Daomé, Fânti, Gabão, Gambia, Gaza, Guiné, Guiné-Bissau, Ibo, Ilorim, Lagos, Libéria, Libolos, Libongo, Libreville, Loango, Lourenço Marques, Luanda, Macuana, Malauí, Malemba, Mali, Manianga, Manica, Maniema, Moçambique, Níger, Nigéria, Novo Redondo, Nupé, Quelimane, Quiçanga, Quimbande, São Jorge da Mina, Sego, Senegal, Senegâmbia, Serra Leoa, Sofala, Sudão, Tanzânia, Tete, Togo, Tombuctu, Uganda, Zama, Zâmbia, Zambézia, Zanzibar.

No Brasil, tais nações africanas, enfrentaram o desafio do pluralismo cultural em um processo de empréstimos e de transculturação. A investigação histórica comprova a construção de uma identidade afro-brasileira, resgatada através da memória e da valorização do povo africano. As migrações em território brasileiro, na época Colonial e Imperial, propiciaram as culturas africanas estreitas relações que formaram elos identitários, de onde se originaram as mobilizações e as resistências tais como: os quilombos, as irmandades e as confrarias, as religiões de cultos africanos, como também, as revoltas, insurreições e confrontos que contribuíram no inventário das mudanças e transformações pela persistência na alteração das estruturas sociais, até os dias de hoje.

Os movimentos negros organizados, ao longo do tempo, nos discursos sobre as desigualdades raciais, enfatizam a reconstrução de sua identidade como plataforma mobilizadora no caminho da conquista da sua plena cidadania. O silêncio foi sempre uma estratégia de sobrevivência das culturas de origem africana, porém, o esquecimento faz parte da dívida histórica nacional brasileira.

---

**\*Claudia Lima:** é graduada em Comunicação Social, com Especialização em História do Brasil e Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, é também etnógrafa, folclorista, africanista, escritora e pesquisadora. Pernambucana, nascida no Recife em 26 de outubro de 1957, tem como hobby a fotografia e a modelagem em argila. Recebeu em 1997, da Prefeitura da Cidade do Recife, o título de "História Viva do Recife", pela contribuição literária ao resgatar aspectos do folclore pernambucano. Em 2006, Claudia Lima completa 10 anos da sua primeira publicação com a revista "História do Carnaval", e o livro paradigmático "Um sonho de folião". As revistas do carnaval se seguiram até o ano de 2001. Em 1997, publicou também as revistas "História Junina" e "História do Folclore". Em 1999, lançou o livro "Tachos e Panelas: historiografia da alimentação brasileira", comparado as grandes obras de estudos alimentares e da comensalidade de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo. No ano de 2001, congregou as pesquisas sobre o carnaval no livro "Evoé: história do carnaval - da mitologia ao trio elétrico". No ano do décimo aniversário de sua primeira publicação, Claudia Lima reúne todas as suas pesquisas, artigos, estudos e ensaios em sua home-page: [www.claudialima.com.br](http://www.claudialima.com.br), na qual busca interagir com o leitor e oferecer também música e letras de carnaval, um vocabulário carnavalesco, fotos e vídeos, além de textos em português e inglês.

